N. 6

1. ANNO

O BIJOU

PUBLICAÇÃO QUINZENAL LITTERARIA

DEDICADO ÁS DAMAS VIMARANENSES

ASSIGNATURAS
Anno 300
Com estampilha 360

GUIMARÃES
DOMINGO 15 DE AGOSTO DE 1886

TODA A CORRESPONDENCIA
Deve ser dirigida á
REDACÇÃO

O AMOR

NÃO sabia onde ir buscar assumpto para este artigo de fundo, se assim lhe posso c'hamar.

Escusado será dizer a vossencias o que é um artigo de fundo. E' coisa séria, muito séria. N'um jornal politico é o thermometro que demonstra o grau de intensidade da febre partidaria e a trombeta que faz retumbar ao longe o echo das ideas perfilhadas.

N'um jornal litterario, no «Bijou» por exemplo, o que deve ser ? A chave de prata para abrir o cofre de esmeraldas que elle espalha no regaço de vocenssias.

Pois, minhas senhoras, foram infelizes, d'esta vez. O «Bijou» abre com chave de ferro e de ferro já oxidado, como vão ver.

Fallar-lhes de politica, seria talvez profanar o santuario de Cupido onde vocenssias adoram os corações de que são fervorosas devotas. Por isso, lembrou-me fallar do «amor» que é a politica do coração, não lhes parece ? Mas...o amor já é tão velho ! Já lá vem dos nossos avoengos—do velho Adão da Biblia ou do mysterioso anthropoide da sciencia !...

Já aborrece ouvir-se fallar em tal coisa. No entanto, como é o eterno thema e segundo Stael «a historia inteira da vida das mulheres», conversemos em breve cavaco acerca d'elle; e, visto que elle, segundo a opinião de Richter, «se pode guizar de quatorze maneiras differentes á semelhança das batatas, vou guisal-o segundo o meu palladar».

As minhas gentis leitoras acharão extravagante o meu gosto e estou convencido que, reunirão concilio para lançar-me um «anathema sit» por eu ser heretico n'esta materia de fé. Não sou optimista: se o fosse, podia citar centenares de escriptores que exalçam o amor até ao infinito, desvairados talvez pela febre da imaginação.

Sou pessimista e citarei porisso aquelles que pensam friamente e desinteressadamente de tão momentoso assumpto.

A mim parece-me que o amor é uma «farça», é «uma paixão inutil e até prejudicial». Concordam commigo ? ora, nem se pergunta, de certo que não. Mas, desprendendo-se vocenssias d'esses amorosos e delirantes sonhos que nos enlevam a imaginação, como ás creanças os contos de mouras encantadas, verão como não é tolice a minha affirmativa

=Amor, diz «alguem» «é a mais interessante comedia da vida. Abre o panno com sorrisos romanticos e fecha-o com gargalhadas realistas».

Vizella, agosto de 86 (Continua)

BRAULIO CALDAS.

A MULHER

A MULHER é a estrella no empyreo e o brilhantismo na estrella; o iris no firmamento e o colorido no iris; a constellação no infinito e o resplendor na constellação; a perola na concha e a mimosidade na perola; a rosa no eden e a petala na rosa; o oiro no cadinho e o luzidio no oiro; a cecem no prado e a candura na cecem; a vida no espirito e a actividade na vida; o coração na alma e o calor no coração; é Hugo no mundo e o cerebro em Hugo; é Lamartine em Deus e a inspiração em Lamartine; é a lava no volcão e a incandescencia na lava; a alma da humanidade; a sublimidade no amor, o paraizo do mundo.

Beijamin de Mesquita.

ACROSTICO

(A UMA DAMA)

Amor, ao vêr-te tão bella
Deas tuas graças pasmou;
Ai, fitando-te, diva estrella,
Fogo algemado ficou.
Assim eu, tambem captivo,
Immerso no teu olhar,
O amor ardente, mui vivo,
Estou preso ao teu altar.

G.

A ROSA DO BOSQUE

(POESIA POSTHUMA)

Singela, candida roza,
Que n'esta espessura umbroza
Vieste desabrochar;
Não queres como as irmãs
Tam garridas, tão louçãs
La nos jardins fulgurar ?

Vão amantes á porfia
Admirar-lhe a louçania,
E aspirar sua fragrancia;
Té por ellas la na terra
Se pelejou crua guerra
Com valor, com arrogancia.

E tu, que entre urzes surgiste,
Vives solitaria e triste
Té vir o tufão prostrarte ?
Nesta floresta escondida,
Queres morrer esquecida
Sem que venha alguem amarte ?

Oh já sei toda a verdade;
E' teu timbre a honestidade,
Teu abrigo a solidão;
E do mundo entre as folias
Teu candor arriscarias,
E abrigo não tinhas, não.

Mas olha, flôr engraçada,
Nesta face definhada
Não vês ressumbrar a dôr ?
Olha, dentro de meu peito
Já pela magua desfeito,
Não vês o mais puro amor ?

Tambem me apraz a candura,
E nesta floresta escura
Me venho agora acolher;
Se pois n'ella ambos vivemos,
Da ventura não podemos
Gozar o doce prazer ?

(Continua)

ANTONIO CARDOZO.

PERFIL

D... P...

TEM os tons duros dos primores esculpturaes

Phydias cinzelando blócos dos mais finos marmores, não seria mais feliz no relevo das contornações.

Da fronte emoldurada por espessas meadas de anelados cabellos, resaltam uns olhos meigos a scintillar reflexos vivos, attrahentes.

Do rosto ovalino destacam-se os mais caracteristicos traços da bondade que lhe vae n'alma.

E' folgazã como a philomela na quadra dos amores, expansiva como a cigarra nas calmosas tardes de agosto.

No passeio distingue-se muito por o andar um pouco pezado, medido, por uns sorrisos amaveis, complacentes com que mimoseia quantos a comprimentam.

Seria a mais perfeita miscelanea do bello, se não fôra tão amante do perfume do incenso queimado nas pyras do amor; e, tão indolente no atear da chamma que o produz.

Erros physiologicos.

Lucia Gentil.

A' MORTE DO MEU INNOCENTE AMIGUINHO

JOSÉ

(Filho da exm.ª snr.ª D. Amelia Augusta L. Motta)

POBRE creança ! Raiaste apenas por um só momento n'este lodaçal mundano, qual meteóro que o céu escuro doira com fulgor intenso, e voaste á sideria mansão, ao regaço divino,

dilecta morada dos anjos, teus irmãos, legando aos corações que extremosamente te amavam o lucto e a dôr.

Pobre creança! Arrebatada aos carinhos dos teus quando, ainda rosa em botão, principiavas a desabrochar de viço e graça, levaste com tua alma candida e pura os venturosos sonhos de um roseo porvir!

E partiste, deixando immersa na dôr de um cruel pungir tua mãe, tuas thias e o teu bom amigo, por quem lá no ceu, onde repousas, pedirás a Deus.

Porto, 14 d'agosto de 1888.

A. J. B.

STELLAS

(A MINHAS IRMÃS)

Quando á noite diviso no espaço
Myriades de estrellas radiantes,
Brincando doidamente no regaço
De Phebe a confidente dos amantes,

Sinto-me alegre então, n'esse momento,
Em que ellas joviaes e buliçosas
Despenham lá do azul do firmamento
Bouquets de malmequeres e de rosas.

Porem quando eu diviso de manhã
Envolvida n'um ceu côr de romã,
Vir a aurora de côres ensanguentadas;

Eu, triste e pensativo, vou andando,
Ao vêl-as retirar quasi chorando
Umas lagrimas tristes desmaiadas.

Coimbra.

Antonio d'Almeida.

EDYLIO

Eu vi teus divinos, finos
Cabellos bellos, côr d'oiro
Fulgor, amor n'esse olhar
Sidereo, ethereo thesoiro!..

E quando a lua flutúa
Nos ceus, teus labios rosados
Recebem, bebem da brisa
Olores, amores delicados!..

As notas soltas que tu
Desejas, beijas da lyra...
...Esp'rança, mansa que ahi vae
Envolta, revolta...Elvira!...

Porto—83.

Reynaldo Rangel de Quadros

Boletim elegante

Desde o dia 16 até ao dia 28 do corrente fazem annos as ex.mas snr.as:

Dia 16—D. Custodia Candida Alves Lemos.

Dia 22—D. Guiomar Amelia Rodrigues de Almeida.

Dia 23—D. Emilia Augusta de Mattos Chaves.

Dia 23—D. Adelaide Amelia Rodrigues d'Almeida.

Acham-se a banhos:

Povoa de Varzim—O exm.º snr. Augusto Mendes da Cunha e sua exm.ª esposa.

Idem—O exm.º snr. dr. Joaquim José de Meira, sua exm.ª esposa e filhos.

Idem—O exm.º sr. Francisco Joaquim Ferreira dos Santos, sua exm.ª filha e netas.

Taipas—O exm.º snr. dr. Antonio Coelho da Motta Prego, sua exm.ª esposa e filhos.

Regressos:

Do Gerez—O exm.º sr. Francisco Ribeiro Martins da Costa.

Das Taipas—O exm.º sr. Antonio Ribeiro da Costa Salgado, sua exm.ª esposa e filha.

De Vizella—O exm.º snr. dr. Luiz Augusto Vieira, sua exm.ª esposa e filhas.

SONHOS

Volveste o teu olhar,
Ophelia delicada,
P'ra face afogueada
De quem te diz amar;

Ao leve ciciar
De meus labios—oh fada—
Eu vi-te, afadigada,
Revendo o meu penar.

Eis !—quem visa a esp'rança
Ou cêdo ou tarde alcança
Seu brilho de fulgor :

Tu, á pena impotente,
Cheia d'um ardor ingente
Disseste ao bardo :—Amor !

Porto—1886.

C. GUIMARÃES.

A FLOR DA SERRA

(A MINHA IRMÃ MARIA D'OLIVEIRA DE ARAUJO LEÃO MARTINS)

QUANDO assomava o crepusculo matutino entre as harmonias da natureza, e as flores choravam puras gotas de orvalho, já Flor da Serra ia caminho do monte com o rebanho de brancas ovelhinhas.

Todos lhe chamavam Flor da Serra por ser a pastora mais bonita d'aquelles logares.

Em casa tambem todos trabalhavam incessantemente; o pae lidava todo o dia no campo, a mãe tratava dos arranjos da casa, e ella, a Flor da Serra, pastoreava pelos montes, por entre logares pedregosos que mais d'uma vez lhe feriram os pésinhos; e todos se sentiam felizes e abençoados pelo bom Deus que veste as flores, matisa as veigas e alimenta as avesinhas.

Flor da Serra levantava-se com a luz da rosea alvorada, passava o dia pelos montes, colhendo amoras dos silvedos, dando caça a pequeninos insectos, correndo atraz das lagartixas, e recolhia a casa ao toque das trindades sempre contente, onde a esperava magra refeição.

Eis, gentil leitora, o viver da pastorinha que apenas contava doze primaveras.

*
* *

Era um triste dia de dezembro.

Flor da Serra foi, como costumava, pastorear o rebanho. N'esse dia o sol seu intimo amigo não lhe veio abrandar o rigor do frio.

Havia já muito tempo que somente lhe mostrava a sua larga face de oiro, envolvida na poeira branca dos nevoeiros, mas o seu coração de fogo pulsava para outras regiões, dardejava para outras flores.

Aquelle dia despontou chuvoso. O frio era cortante e as arvores estendiam como esqueletos seus ramos descarnados.

Grossas pingas d'agua começaram a cahir.

Desencadeou-se a tempestade e Flor da Serra tremia como a rola desprotegida sem ninho onde se abrigasse. Ataviada e soluçante de dôr chorava, mas alli não havia quem a consolasse !

De repente o seu espirito eleva-se até ao ceo, e seus candidos labios balbuciam preces que a mãe lhe ensinára.

A chuva cessou por um instante. Flor da Serra chegou a casa tiritando de frio e toda molhada.

*
* *

Flor da Serra soffre d'uma pneumonia dupla. Alli, deitada em pobre leito, sente vivas saudades. Saudades das suas queridas amigas—as brancas ovelhinhas; saudades das amoras dos silvedos; saudades dos pequeninos insectos e saudades do sol—o seu intimo amigo !

A sciencia não a pôde salvar, e oito dias depois, Flor da Serra—a pastora mais bonita d'aquelles logares, voou para Deus, para o bom Deus que veste as flores, matisa as veigas e alimenta as avesinhas.

Porto, 12—agosto—86.

A. Leão Martins.

Typ. de GUISE.